

FOLLIES – UM TEATRO EM REVISTA

*Y. Shimizu\**

Uma das modalidades de espetáculos cênicos mais badalados no Rio de Janeiro e São Paulo, e por reflexo no resto do País, desde o início do século XX até os anos iniciais da década de 60, sem dúvida, é o teatro de revista.

“Apresentando uma seqüência de quadros distintos, com andamento rápido (por isso também chamado de espetáculo ligeiro), o objetivo desse gênero teatral era ‘passar em revista’ o cotidiano, buscando uma reflexão leve e bem humorada sobre ele. O texto era geralmente escrito em parceria e seguia uma estrutura pré-estabelecida – prólogo, cortinas (quadros de rua, piadas), quadro de comédias ou sketches (quadros de parede e quadros de platéia), fantasias, musicais, monólogos e apoteose”.

O teatro de revista, apesar de terem inserido algumas variações no decurso do tempo e do contexto social e político, manteve as principais características: a carnavalização, a crítica e a malícia.

Pelo fato de ter desaparecido do cenário cultural brasileiro há quase meio século, a professora Maria Cristina de Souza busca resgatar o texto teatral típico desse gênero, escrito e representado na época do seu apogeu, para que os mais idosos tenham a oportunidade de lembrar os bons tempos e os mais jovens possam ter contacto com um dos aspectos da cultura desse período.

Com tal objetivo, ela deliberou organizar uma coletânea de textos de uma das autoras mais representativas desse contexto, a dramaturga, atriz e diretora Mary Daniel (nome artístico de Maria Irmã Lopes Daniel), atualmente com 97 anos de idade, todas encenadas no Teatro Follies, do Rio de Janeiro, de sua propriedade.

Conforme afirma a organizadora, o resgate dos textos apresentados nessa coletânea foi uma tarefa muito árdua e penosa, porquanto foi necessária uma busca afanosa não somente na Biblioteca Nacional, mas também na Biblioteca da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) e no arquivo do professor Miroel Silveira, da Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Das peças recolhidas, foram selecionadas nove de sua autoria exclusiva (sem parcerias), todas encenadas nos anos iniciais da década de 50, evitando transcrever quadros repetidos (apenas assinalando-os): “Boa noite Rio”, “Já vai tarde”, “Mulata convencida”, “Quadros”, “Seleções Follies”, “Sonhos de uma noite”, “T’na cara”, “Te cuida, mariposa” e “Tira a mão daí”.

Somente para mencionar uma delas, “Boa Noite, Rio” foi encenada em um

ato e 19 quadros, no ano de 1950, considerada pela crítica da época, publicada na revista *Ô Cruzeiro*, como “a melhor revista do seu repertório”. A música era de autoria de César Siqueira, com a participação de Mary e Alba Lopes, Grande Otelo, Carlos Tovar Ofélia Domingues e as *follies girls* e outros, sob a direção de Mary Daniel.

A organizadora teve o cuidado de contextualizar em notas de rodapé (inseridas no final de cada capítulo e de cada peça) as informações acerca dos termos técnicos, expressões populares (gírias) empregadas na época, as referências às personalidades do cenário político ou cultural, informações sobre as músicas cantadas ou tocadas, alusões a vultos históricos a logradouros públicos do Rio de Janeiro, etc. para facilitar o entendimento dos leitores mais jovens, não familiarizados com as ocorrências da época.

A organizadora dessa coletânea, Maria Cristina de Souza, é licenciada em Letras Português/Inglês. Tem mestrado e doutorado em Literatura Brasileira na área da Dramaturgia. É professora efetiva do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão, do Campus Curitiba, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Foi chefe de gabinete da diretoria do citado campus, de 2004 a 2008. Especializou-se em dramaturgia feminina e em teatro de revista, tendo publicado o livro: “A tradição obscura: o teatro feminino no Brasil”, pela Editora Bacantes, do Rio de Janeiro (2001), organizou a coletânea de peças da dramaturgia paranaense Didi Fonseca, “Festival Surrealista”, pela Editora UTFPR (2001), e participa do Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Letras e Linguística (ANPOLL), desde 1984. e publicou, como integrante do Grupo de Trabalho de Dramaturgia e Teatro, artigos relacionados com a sua área de atuação nas antologias: “Por uma militância teatral”, “Reflexões sobre a cena”, “Dramaturgia em cena” e “Olhares sobre textos e encenações”, respectivamente em 2005, 2005, 2006 e 2007.

A autora, Maria Irmã Lopes Daniel, é filha de Carlos e Maria Marques Lopes, descendente de uma família dedicada a atividades circenses. Nascida na Argentina em 1911, radicou-se no Brasil, com sete anos de idade. Casou-se com o cantor e ator Juan Daniel (falecido em outubro último). É escritora, atriz, dançarina acrobática, coreógrafa, diretora e empresária teatral. Escreveu e encenou mais de 20 peças para teatro de revista e outros textos para teatro e TV. Adotou os pseudônimos: Alberto Flores e Mary Daniel. Dentre as peças mais conhecidas destacam-se: “Eu quero é casar”, “Boa noite, Rio”, “Ta na cara” e “Eva no Paraíso”.

\* Editor executivo deste periódico.